

Os Estados Unidos da América São Uma Ditadura?

por Rômulo Cristaldoⁱ

Oito anos atrás avisávamos que Donald Trump era um aspirante a ditador, fascistóide e com sinais de narcisismo megalomaníaco.

"Sinthoma" de uma nação adoecida, Trump ressoa como o legado do experimento social que ousou transformar cidadania em consumismo. Nos primórdios da hegemonia estadunidense, pode ter parecido brilhante orientar todo um país para comprar desenfreadamente. Ganhou-se (muito) dinheiro com isso. Mas, à custa de algo muito precioso para a estabilidade social: senso crítico, compreensão de mundo e compromisso coletivo.

Muitos norte-americanos parecem existir numa bolha de mediocridade, num presente contínuo sem passado e sem futuro no qual a única forma de expressão é o comprar, a única coisa que importa é o indivíduo. Nisso, a percepção é de que substituem até as mais delicadas relações sociais por mercadorias, escolhem pessoas, amantes e políticos tais quais produtos dispostos em prateleiras: com descaso, imediatismo e superficialidade.

Os sinais de adoecimento coletivo eram já gritantes décadas atrás. Tiroteios em escolas nunca foram atos de "lobos solitários", mas a expressão de uma cultura de inferiorização simbólica e hiper-competitividade que, sim, impulsiona o trabalhador ao limite da autoexploração, mas não sem deixar um rastro de insanidade e desequilíbrio; tudo isso com armamentos à disposição como doces na banca de jornal.

O racismo, que, é verdade, a branquitude estadunidense carrega como herança da Europa, está institucionalizado na defesa hipócrita da liberdade de expressão e nos aparatos de repressão treinados para enxergar peles pretas como inimigos. É quase delirante imaginar que uma pessoa possa, até mesmo de uma tribuna, púlpito ou microfone, professar em alto e bom tom a pretensa (mentirosa, vil e estúpida) suposição de superioridade racial.

Os muitos cultos a personalidades — a esportistas, pop-stars, atores, bilionários — denotam a incapacidade do individualismo exacerbado em compreender o contexto de formação como fator decisivo de sucesso. Assim, foi possível tanto criar marcas e padrões de consumo vinculados a idolatria moderna, como por outro lado transferir a culpa pelo insucesso social, profissional,

material e simbólico para o próprio trabalhador. Afinal, "se eles puderam, com trabalho duro, chegar até onde chegaram", pensam, "eu também poderia" e concluem: "como não, a culpa é minha".

É na sensação de culpa que as ditas igrejas (eu prefiro "máfias") cristãs se refestelam. O cristianismo enlatado, como experiência de consumo finca ali suas garras. Diante da crescente sensação de culpa pelo insucesso, igrejas neopentecostais se mostraram hábeis em associar evangelho cristão e prosperidade como necessários entre si. O vazio existencial do consumo, das relações superficiais, é preenchido pela vivência na igreja.

Naqueles antros construídos para enganar, as pessoas encontram os vínculos perdidos (não verdadeiras, note-se, mas simulacros superficiais), bem como promessas de reversão do infortúnio. As relações são falsas, pois que interessadas na adesão ao compromisso de sustentação material da estrutura da igreja, com dinheiro e trabalho "voluntário"; quem não concorda, está no mundo, longe de "deus", vai para o inferno. E se a prosperidade não vem, é porque não empenhaste fé o suficiente, dízimos e ofertas desafiadoras, trabalho árduo.

O consumidor da fé misteriosamente se transforma em mercadoria exaurida pela própria igreja, esvaziado de autonomia intelectual, completamente dedicado e alienado de si mesmo. Ali, são treinados para focar e entender apenas o simples, efêmero e raso; nada pode ser complexo. Indivíduos esvaziados, oprimidos até por si mesmos, dedicados ao consumo de maneira acrítica, adestrados por igrejas que se propõem a substituir senso crítico por obediência cega.

Não à toa a política nacional se organiza como espetáculo. Precisa aparecer superficial para ser assimilada como consumo; com elementos narrativos para garantir o envolvimento do espectador. Um *plot twist* aqui, um segredo fácil de ser descoberto ali, uma apoteose, as vezes um retorno triunfante. Verte-se em palco, para o quê a performance e a aparência da política valham mais do que a essência de projetos, interesses e compromissos. Não por acaso o Presidente é um personagem, um bufão, onde perfídia e pastelão se encontram para expressão e exploração do puro ódio latente na sociedade.

Claro, isso no âmbito limitado da escolha coletiva. Não é porque políticos são selecionados a partir de uma persona superficial que não sejam, no íntimo de suas escolhas e alinhamentos, figuras complexas. A espetacularização da política não suprime o jogo de interesses materiais que, obviamente, caminha nos meandros concretos da política tradicional. Nos bastidores, os poderes tradicionais da política americana tratam tudo como *business as usual*.

Big techs, wall st., complexo industrial militar, entre tantos outros setores, se equilibram para arrancar o máximo dos trabalhadores, do Estado, bem como instrumentalizam a mais formidável força militar da história para impor seus interesses sobre o resto do mundo. A velha arrogância do império, da certeza de suas certezas, é também a ferramenta da intolerância racista que ataca países periféricos como simples quintal de onde podem tirar o que quiser.

Trump funciona como o mais perfeito representante de uma elite apodrecida e odiosa. Não por acaso caminha lenta e inexoravelmente em direção ao autoritarismo, com pitadas de violência, ódio racial e nonsense.

Todos os sinais estavam lá: mentira, corrupção, assédio simbólico, achaque institucional, racismo... os avisos caíram em ouvidos surdos e, agora, os EUA estão sob o controle cada vez mais firme de um lunático. Pior, de um lunático que representa seu povo, cujos arroubos verborrágicos, ameaças ensandecidas, comportamento caótico e desvario lógico correspondem exatamente ao que a maioria população é, pensa, pretende e deseja. O verdadeiro sonho americano.

Pode-se dizer que, hoje, os EUA são uma ditadura autocrática. Com tudo que uma ditadura pode oferecer(?): polícia política (ICE), dados e informações manipuladas, inimigos imaginários (imigrantes), campos de concentração fora do país para depredar garantias legais de suas vítimas (El Salvador), expurgo de livros e ataques a universidades, genocídio terceirizado (Gaza) e um megalomaníaco autoritário (Trump) para carregar uma culpa que, na verdade, é de oligarcas e de parcelas de uma população entre o atônito e o anestesiado.

Alguém duvida de quais serão os próximos passos?

ⁱ Rômulo Cristaldo é Doutor em Administração (UFBA) e Professor de Administração Pública e Estudos Organizacionais da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (FACE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).